

## LEAL, WEYDSON BARROS. *OS DIAS*.

Rio de Janeiro: Topbooks, 2015.

Fábio Andrade  
(UFPE)

O novo livro de poemas de Weydson Barros Leal - *Os dias* (2014) – assinala uma tendência na sua poesia mais recente: o poema longo. O livro ficou a cargo da Topbooks, com quem o autor publica seus livros desde *Os ritmos do fogo* (1998); ao qual se seguiu *A quarta cruz* (2010) e, justamente, *Os dias*. Os dois últimos livros representam, por sua vez, a retomada das publicações, após um hiato de mais de dez anos entre *Os ritmos do fogo* e *A quarta cruz*. Essa tendência a um verso de maior fôlego e textos mais longos não deixa de ser, na verdade, uma retomada de um momento inicial que o seu primeiro livro – *O aedo* (1989) – representa. Nele, era possível encontrar inclusive um tom épico em alguns poemas, como é o caso do extenso “América”.

Num certo sentido é possível dizer que o elemento lírico ao longo da trajetória do poeta significou a medula sobre a qual ele assentou matizes ora épicos, ora dramáticos. Em *Os dias*, especificamente, encontramos fortemente o lirismo, mas um lirismo peculiar, marcado por vozes e personagens que transformam muitos dos poemas num colégio de modulações numa trama dramática de vozes só em parte identificadas.

Um aspecto importante é o fato de haver uma divisão não expressa, mas muito clara no livro. Ele abre com os poemas mais longos, muitas vezes com versos de maior extensão. Num segundo bloco estão poemas formados por fragmentos e textos menores. Ou seja, o livro tem um andamento variado, ambíguo. Abre-se com um poema como “O visitante”, que ocupa as dezesseis primeiras páginas, e fecha com o poema “Abelha”, com um pouco mais de uma página. O poema “O visitante” representa, inclusive, uma chave de leitura para o livro como um todo e mesmo para a relação do poeta com a própria poesia: “O visitante retorna após o habitual / A casa, começo a acreditar, é o seu retiro. / Poderia dizer que a volta se dá / por causa da música, / uma entidade em seu peito, / maior que os impulsos / que fazem dos olhos a outra mão do tambor (...)”. É um poema que funciona como um estilhaço de narrativa – o que confirma a presença de certo hermetismo bastante familiar à dicção

do poeta. Mesmo quando tudo no poema faz crer numa imersão biográfica, é como se os acontecimentos tivessem se transformado em índices abstratos, num trabalho quase de apagamento do próprio rastro.

Nesse mar de referências obscuras não se distingue a fronteira entre o vivido e o sentido, entre o vivido e o imaginado. Assim, vida e arte se mesclam de tal forma que grandes personagens da cultura, das artes e da filosofia comparecem ao poema – a lista é tão extensa que seria enfadonho apresentá-la integralmente (Goya, Spinoza, Montaigne, Schiele, Hilda Hilst, Mariane Moore, Rimbaud, Whitman, Chopin, Gershwin, Mozart etc. etc.), como se participassem dos obscuros eventos que pontuam a experiência excêntrica desse sujeito lírico. Estes personagens misturam-se às sensações, sentimentos e lembranças de outros personagens que, provavelmente, emergem do magma vital das vivências do poeta. Num poema como “As manhãs” são representados por abreviações de seus nomes – “L.”, “F.”, “V.” Aquilo que Rodrigo Petrônio, no texto de orelha de *Os dias*, chama de mundo das imagens em que a “memória é a chave e, ao mesmo tempo, a cifra de acesso”. Num certo sentido é possível encontrar a consciência dessa opacidade da linguagem nos versos do poema “O visitante”: “Não sabemos decifrar símbolos, runas, cabalas (...)”.

A ambigüidade é uma marca fundamental dos poemas que compõem o livro. Presente tanto nas anônimas personagens que convivem com poetas, pintores, músicos e filósofos ilustres; como nas imagens vertiginosas e de feição surrealizante, bastante freqüentes: “Por que parar este pulso / se o relógio continua a bater?” (“O visitante”), “Manhã dormente / como um peixe sob a lua” (“As manhãs”), “Há um retrato no canto do enigma” (“A visão”), “A chuva desta / as cortinas do céu” (“A caixa”). Encarna-se mais enfaticamente no poema “O gato”: “Como uma esfinge / dúbia e / rara, / ele não finge, / o gato encara (...) // Se gato ou / gata? / Já não importa: / ele se basta / nesta resposta”.

O silêncio é um elemento que aparece em vários momentos nos poemas de Weydson Barros Leal. Está fortemente presente em sua poesia desde “Os círculos imprecisos”, exprimindo certo elo de sua poética com o que podemos chamar de hermetismo poético, conectando-o a toda uma “tradição” moderna da poesia, para utilizar a sugestiva e contraditória expressão de Octavio Paz. O simbolismo francês – de Baudelaire a Rimbaud e Mallarmé – são referências fundamentais do poeta. Weydson Barros Leal estaria ligado a toda uma tendência de poetas que começaram a publicar no final dos anos 80, no Brasil, e que atravessaram os anos 90 e 2000 até os nossos dias; poetas que

poderiam ser denominados de herméticos, pelo extremo rigor de sua poesia, pelo cultivo do silêncio como elemento compositivo, pelo mergulho no imaginário arquetípico, por certo impulso surrealizante, por certo barroquismo.

Pedro Serra no posfácio à obra (“Último penúltimo”) define o trabalho “onírico” com a linguagem, empreendido por Leal, como fruto do “analogismo diabólico”, e desse mesmo analogismo surge o silêncio como “figura dessa indefinição”, como se pode verificar na estrofe final do último poema do volume – “A abelha: “Assim ela conheceu / o exílio e a estranha felicidade / que não suporta o silêncio, / pois o silêncio pergunta tudo – o silêncio, / esse inquisidor – e o silêncio / confessa e guarda, como um jarro antigo, / todos os cheiros do mundo”. A analogia e o silêncio como as duas pontas desse estranho elo, que oscila entre a plenitude e o vazio da arte.

No espaço abstrato e vital dessa poesia, tudo que é, é também outra coisa. Uma química absoluta e impossível, onde todos os elementos se combinam. Mas também um trabalho obsessivo para apagar certos rastros. Uma poesia do analogismo radical, mas sempre à sombra de um sentido original, aqui e ali entrevisto numa figuração variada – sempre outra, sempre *do outro*. Nesse sentido, a poesia de Weydson Barros Leal aproxima-se, em certos momentos, da voz de Paul Celan, enquanto pedido torto de interlocução, voz lacônica e, ao mesmo tempo, solidária, como ocorre no poema “O outro”, que escolhemos para encerrar esta breve resenha: “Algo em nós / nos / une e / nos invade. // Não sei / o que conta / nesse espelho / que nos / cabe. // Algo em nós / é uma ponte / ou uma / parte. // Algo em nós / é o outro / lado / que sabe”.